



O RESURGIMENTO

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTÓNIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
 Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famacão
 Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

SEMPER A' MARGEM

DEZEMBRO. Como cinza que se reacende, em emoção forte na lembrança, acorda o seu primeiro dia ao som da música, foguetes e canções. 1 de Dezembro — e mais um ano passa, mais uma vez se faz a afirmação de mantermos o fogo sagrado que animou os bravos de 40.

E' bem o dia da gente môça — um dos dias maiores da Mocidade Portuguesa. Bem fizeram os que tal decretaram.

Mocidade Portuguesa, são para vós estas pequenas notas.

*
* *

Foi de sempre irreverente e desassombrada a juventude. Ninguém como ela — e que o sabe ser — sabe dar sentido ao significado da palavra viver. E se é essa a sua grande virtude, lhe advém também daí os seus maiores dissabores.

Mas ainda assim é um bem — por eles se separa o trigo do joio, se seleccionam os melhores — elevando aquêles que sob os maiores sacrifícios conseguiram manter a sua posição de novos.

As mais das vezes se reduz a um *dever cumprido*, a um prazer de consciência tranqüila, o prémio de não ter desertado da sua posição — quando superior o orgulho de não viver (viver!) essa *vida* parada, digna mais de seres inferiores que de senhores do mundo, que queremos ser! E como tem um sentido profundo — exemplo modelo — aquela idea fixa de D'Annunzio de não querer morrer na *cama!* superioridade mental, que só se torna ridícula aos olhos daqueles que só os têm para ver a *pia* ou contar as *libras* que recebem.

Nada de superior para estes existe — são capazes de se comover com o fado — fora a dita *pia* e o dito saco.

Daí as suas grandes indigestões — e julga definir princípios sociais; os seus roubos — e julga remediar a crise económica; as suas traições à Nação — e julga-se o maior dos nacionalistas. Fala de tudo, tudo compreende e tudo discute. Estuda a lei para ver por onde a pode furar; diz-se anti-liberal, mas quer ter opinião sobre tudo, mesmo sobre assuntos de que é ignorante crasso; diz-se anti-democrático e anda sempre a contar pelos dedos as pessoas que o aplaudem — o número.

*
* *

A juventude foi sempre irreverente. Da sua incompreensão resultaram muitas das vezes as erradas — propositadas com baixos fins às vezes

— interpretações da sua função na nossa história.

O Mestre de Avis e Nun'Alvares, pela sua coragem e valentia, salvaguardam e reforçam a nossa independência. Os historiadores não no negam.

Com D. Sebastião dá-se o contrário — era môço, foi o incompetente — essa a razão do desastre de Alcácer. Engano. Se D. Sebastião era môço também o Mestre de Avis o era — e venceu!

Um e outro têm a mesma valentia, o mesmo anseio — o Portugal Maior — a mesma vontade — vencer!

Um e outro são grandes. Mas é precisamente em seu sacrifício, na infelicidade do destino que o atraçou, que D. Sebastião sobressai. Não foi um louco, foi um herói. O seu retrato não pode ser pintado com as tintas negras do destino em que caímos depois de Alcácer, mas com as tintas fortes e quentes dos momentos gloriosos de luta até o vermos cair.

Foi sonho grande que não se tornou realidade. Mas porque não foi não desmerece o seu significado — e deixa-nos uma lição num momento que tôda a juventude deveria meditar: — *para a frente... morrer, mas devagar!*

Essa figura de D. Sebastião. E nisso é êle um exemplo a mostrar à juventude.

*
* *

D. Sebastião um louco? Só quem não viveu a juventude tem o desplante de o afirmar. Nessa ordem de ideas também Camões o foi — e o maior responsável na tragédia. *Não se faz um poema incitando o Rei a maiores empresas!* E' que Camões também era um jovem. Sem êsse espírito de aventura, de sacrifício e arrôjo, nunca Portugal subiria ao ponto onde chegou. E chegou pelas mãos da sua juventude de que só uma aspiração de o ver grande o norteava. Os lucros, as exaltações, o receio fez-se para os outros, os vêlhos do restêlo de sempre.

*
* *

Dezembro. Como cinza que se reacende, acorda o seu primeiro dia em tom de festa, a festa da gente môça, e se reafirma a vontade de continuarmos o nosso caminho tradicional.

Algumas palavras, palavras soltas, vos dediquei, gente môça, neste primeiro dia de Dezembro, ideas que umas atrás doutras, me fogem ocorrendo em plena liberdade — e em primeira

(Continua na 3.ª página)

PREÇOS DAS CARNES transcrevemos duma correspondência de Viana: «Foram aprovados superiormente os preços de carne, abaixo mencionados:

«Boi ou vaca, 1.ª e 2.ª categorias: Lombo, (rosbife) limpo quilo 9\$00; pá, redondo, (assado), picadoiro, rabadilha, alcatra, chã de fora, pejadouro, chã de dentro, sem ôsso, 8\$00; a mesma qualidade com ôsso, 6\$50; língua e rins, 6\$00.

2.ª qualidade: Cachaço, comprido, ou fundo da asem, aba de costela ou aba carregada, peito, chambão, óculo, preço único com ôsso, 5\$00. Vitela, 1.ª qualidade, sem ôsso, 10\$00; com ôsso 7\$00.

De 2.ª qualidade: Com ôsso, preço único, 5\$00; língua, 6\$00.

Estes preços só entram em vigor no próximo dia 1 de Dezembro.»

Não nos diz o sr. correspondente se os preços indicados representam um agravamento ou um barateamento. Em qualquer dos casos, é certo que o consumidor vianense goza duma situação privilegiada. Quanto ao vimaranense, este paga os bifes a 3\$00 em quilo mais do que aquêle e não come por certo carne melhor. Quem olha para estas cousas? A Câmara não tem voz activa no caso?

Houve em tempos uma vereação, que zelava a valer os interesses dos munícipes e se viu na necessidade de abrir por sua conta um talho regulador, que prestou óptimos serviços. A carne de vitela, que à data da inauguração estava a 16\$00, passou logo a vender-se por 10\$00.

Pois seguiu-se-lhe outra câmara que entendeu que o referido talho de nada servia e fechou-o. O resultado aí está. O consumidor não tem quem o defenda. Que agradeça o bom serviço a quem fechou o talho.



O CARRO DO CORREIO têm-se gasto tanto papel e tinta a tratar dêste caso que também nós procuramos saber o que há a tal respeito. E fomos devidamente elucidados. Soubemos, por exemplo, que o famigerado carro que tam bombardeado tem sido com balas de papel é pertença do condutor das malas e não da Administração Geral dos Correios e Telégrafos como supunhamos e como provavelmente supõe a maior parte do público.

Informámo-nos também da remuneração que o condutor recebe pelo transporte das malas do correio desde a estação postal para a do ca-

(Continua na 4.ª página)

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

NOTICIÁRIO

1.º Domingo do advento

Evangelho (Luc., XXI, 25-33). — «Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas, e na terra consternação das gentes pela confusão em que as porá o bramido do mar e das ondas, mirrando-se os homens de susto, na expectação do que virá sobre todo o mundo: porque as virtudes do céu se abalarão; e então verão o Filho do Homem, que virá sobre uma nuvem com grande poder e majestade. Quando pois começarem a cumprir-se estas cousas, olhai e levantai as vossas cabeças, porque está perto a vossa redenção. E propôs-lhes depois esta semelhança: Olhai para a figueira e para as outras árvores: quando elas começam já a produzir de si fruto, conheceis vós que está o estio. Assim também, quando vós virdes que vão sucedendo estas cousas, sabeis que está perto o reino de Deus. Em verdade vos afirmo que esta geração não passará, enquanto se não cumprirem tôtas estas cousas. Passará o céu e a terra; mas as minhas palavras não passarão.»

Homilia — E' de fé que no fim do mundo Nosso Senhor virá com todo o esplendor da sua majestade e do seu poder julgar todos os homens. — E' então que tudo se há-de pôr a descoberto e que será pronunciada diante de todo o universo reunido a sentença do nosso eterno destino. Pensemos nisto muitas vezes, para que evitemos tôda a espécie de pecado, vivamos santamente e mereçamos o número dos eleitos.

Consideremos: 1.º as circunstâncias que não-de preceder o juízo; 2.º o próprio juízo; 3.º a sentença que o seguirá.

Circunstâncias que não-de preceder o juízo. Depois que os terríveis sinais, que anunciam o fim do mundo tiverem acabado, o fogo consumirá tudo, homens e cousas: *Terra et quae in ipsa sunt, exurentur...* Como são insensatos os que trabalham simplesmente para as cousas que parecem e se afeiçoam a elas!...

Logo que estejam mortos todos os homens, soará a trombeta do juízo, e todos ressuscitarão para comparecer na grande assembleia do género humano. Ao som desta trombeta, as almas gloriosas dos eleitos descerão do céu para se reunirem aos corpos, com que serviram a Deus neste mundo; e as almas desgraçadas dos condenados sairão do inferno para se reunirem aos corpos malditos, que foram cúmplices do seus crimes. Farse-á então a separação dos bons e dos maus. Como será bela a sociedade dos eleitos! os Apóstolos, os Mártires, os Confessores, as Virgens com os distintivos da sua ordem e das suas virtudes.

Mas como será horrível e odiosa a multidão dos réprobos!... os ímpios, os homicidas, os impúdicos, os avaros, os hipócritas... Quem imaginará a sua confusão e o seu desespero à vista dos Justos?

O juízo propriamente dito. O Juiz supremo senta-se então no seu trono, todos os povos estão na sua presença;

o grande juízo vai começar. O Senhor efectivamente, exaltará os justos seus servidores e seus amigos; manifestará a todos as suas virtudes e boas obras que êles ocultavam com tanto cuidado aqui no mundo; as suas penitências, as suas esmolas, todos os seus actos de caridade e zêlo.

Que consolação e que glória para êles então!...

Desgraçados, porém, dos pecadores!.. a sua consciêcia acusá-los-á.

A sentença. Está concluído o grande processo. O justo Juiz vai pronunciar a sentença para tôda a eternidade. Voltando-se para a direita, para os justos, e olhando-os com benevolência e amor, dir-lhes-á:

Vinde, bemditos de meu Pai, tomad posse do reino que vos está preparado desde a principio do mundo. Em seguida voltando-se para a esquerda e lançando aos réprobos um olhar terrível, dir-lhes-á: *Ide malditos retirat-vos para longe de mim; ide para o fogo eterno,* suportar o castigo do vosso orgulho, das vossas infidelidades, dos vossos crimes.

E vós, meus irmãos, qual será a vossa sorte nesse dia tremendo?... Depende da vossa vida... Recordai-vos que então vos serão pedidas contas de tantas graças e meios de salvação que Deus vos dá... e também desta instrução...

Possais vós aproveitar-vos dela e viver doravante mais santamente, a fim de evitar o rigor dos juízos de Deus!...

Penitência e confissão sincera! *Si nosmetipsos dijudicemus, non utique judicemur.*

AVISOS

Chegu-nos ao conhecimento que os armazenistas de mercearia não podem vender bacalhau e arroz a particulares, assim como a casas de pasto, hotéis, colégios, casas de beneficência, etc.

As vendas só poderão ser, portanto, feitas a retalhistas.

— Previnem-se os armazenistas de mercearia e que ao mesmo tempo sejam retalhistas, de que lhes é vedado ter comunicação directa entre os dois estabelecimentos, devendo ter também pessoal e escrita diferentes, etc.

— Durante êste mês de Dezembro, está em pagamento, na tesouraria da Câmara Municipal, o Imposto do Trabalho.

— Por edital, a Câmara fêz saber que, em sessão, ficou resolvido que a partir do dia 29 do mês que findou, as suas sessões ordinárias se efectuem às quartas-feiras, pelas 15 horas; salvo se lôr dia feriado, pois que em tal caso elas terão lugar no dia seguinte, à mesma hora.

Visado pela
Comissão de Censura

Lêde e propagai
"Ressurgimento"

Aniversários

Dezembro, 4 — D. Maria Brígida de Melo Sampaio Mexia.

Dia 6 — Dr. Leopoldo Martins de Freitas.

Sociedade

Chegou a esta cidade o rev.º sr. D. Guimerme Augusto Inácio da Cunha Guimarães, venerando Bispo de Angra do Heroísmo.

Sua rev.ª encontra-se actualmente, em repouso, no Pevidém.

— Também chegou o sr. padre Francisco Silva, digníssimo secretário do sr. Bispo de Angra.

— De Lisboa, chegou a esta cidade o nosso amigo Rodrigo de Menezes.

— Para prestar serviço como professor na Escola Comercial, está entre nós o sr. dr. A. Galvão.

— Das suas propriedades de Vizela, regressou a Guimarães a sr.ª D. Eulália Melo.

— De sua saúde já se encontra um pouco melhor a sr.ª D. Emilia Martins Aldão.

— Da ligeira doença que a apouquentou, está completamente restabelecida a sr.ª D. Maria Amélia Martins de Sequeira Braga Costa.

— Depois de muito doente, vai-se sentindo melhor a sr.ª D. Florentina Rodrigues da Rocha.

— Também tem experimentado melhoras a sr.ª D. Noémia Teixeira de Abreu Ribeiro.

— Para assistir à inauguração das novas instalações do C. A. D. C. de Coimbra, foi a esta cidade o sr. dr. José Francisco dos Santos que daquele centro académico foi também presidente.

Nomeação

Foi nomeado definitivamente aspirante de Finanças, o nosso conterrâneo Octávio de Azevedo Pereira Machado. Foi nomeado ainda delegado concelhio da L. P. em Amares, onde está exercendo a sua profissão.

As nossas felicitações.

Administração Municipal

O plano da actividade municipal para o ano de 1940 começa por enumerar, com ênfase, algumas das necessidades do concelho. «E' do conhecimento de V. Ex.ª, de tôda a cidade e concelho que não temos água, que a iluminação pública da cidade é insuficiente, que as freguesias rurais estão às escuras, que o matadouro municipal, tal como se encontra, é uma vergonha, que os serviços municipais estão mal instalados numa casa arrendada, que a pavimentação das ruas e largos principais da cidade se encontra num estado deplorável e que o Bairro Operário de Urgezês está incompleto e a deteriorar-se.»

Podemos nós acrescentar que muitas das freguesias rurais estão ainda mal servidas de vias de comunicação, que não têm escolas, que lhes falta

Conclusão de curso

Acaba de concluir o curso de electrotecnia e máquinas no Instituto Industrial do Porto, o nosso amigo Raúl da Mota Prego Ribeiro de Faria.

Os nossos parabéns.

Instrução

Oficialmente foi criado um curso nocturno masculino, anexo ao Sindicato dos Cuteleiros, em Creixomil.

Bombeiros Voluntários

Prestaram provas para graduados, ficando apurados, os voluntários Jerónimo Leite, João Carlos Abreu e Joaquim de Magalhães Bastos.

Brevemente devem prestar provas os restantes candidatos.

Concerto

Como foi anunciado, teve lugar no Domingo passado o concerto que a Banda dos Bombeiros Voluntários deu a pedido de um grupo de amigos e admiradores.

As músicas escolhidas eram — e dizem-nos porque a pedido também — antigas, mas despertaram muitos aplausos da numerosa assistência.

No final do concerto, foi oferecido aos executantes, pelo mesmo grupo de amigos e na Pensão Guimarães, um «copo de água», durante o qual se trocaram amistosos brindes.

«Festas Nicolinas»

A marcar o início das festas, fêz-se, no passado dia 29, a entrada do típico e tradicional «Pinheiro».

Parece, porém, que a continuação e fim das festas se confundiram com o principio, pois que pouco mais haverá dos números que conpunham as populares «Nicolinas».

Tudo passa, tudo esquece!

água potável em condições higiénicas e que na maior parte delas os cemitérios deixam muito a desejar, quando não são já manifestamente insuficientes.

As obras enumeradas não podem fazer-se com as receitas ordinárias do município. Estamos de acôrdo

Não concordamos, porém, que seja necessario iluminar as freguesias rurais, porque estas não precisam de tal luxo; o que lhes faz falta é energia eléctrica para iluminação das ruas e caminhos da aldeia, mas das casas particulares. Talvez fôsse isto mesmo que o relatório queria dizer. E' essa na verdade uma das necessidades mais urgentes das freguesias rurais e só teremos que aplaudir tôdas as medidas que possam contribuir para êsse melhoramento.

O relatório passa depois em re-

(Continua na página seguinte)

Carta de Lisboa

Os últimos dias da semana passada

Foram assinalados por dois acontecimentos nacionais, de indiscutível relevo: o aniversário natalício do Chefe do Estado e a abertura do segundo período da 2.ª sessão legislativa, no histórico e renovado palácio de S. Bento.

O primeiro

Dêstes acontecimentos deu lugar a sinceras e entusiásticas manifestações de apreço e carinho, por parte de muitos milhares de portugueses, à veneranda figura do Senhor General Carmona, a quem setenta anos de ininterrupto trabalho sempre manifestado em prol de causas justas e do supremo ideal da Pátria dignificada e ressurgida, não conseguiram eclipsar o brilho do seu alto espírito, nem a vivacidade que lhe é peculiar. Vimo-lo, de modo assaz eloquente, por ocasião das suas duas viagens aos nossos domínios africanos, na qualidade de Embaixador extraordinário da Pátria-Mãe, onde a sua recordação ficará indelével em quantos tiveram a ventura de o conhecer. A Sua Excelência desejamos vivamente uma feliz e prolongada vida, em nome de respeitosa estima, de indefectível gratidão e dos altos imperativos do interesse nacional.

O segundo acontecimento

Foi, como dissemos, a reabertura da Assembleia, num verdadeiro ambiente de fervor patriótico. Vai longe o tempo em que a velha casa de S. Bento nos deixava indiferentes ou pessimistas, no tocante à sinceridade das intenções e eficiência dos processos que ali se debatiam. O Estado Novo, com os seus objectivos de renovação geral, higienizou convenientemente todos os organismos e departamentos públicos, a que dá sempre alevantado e nobre exemplo a atitude assumida pela Assembleia, através do seu pensamento e da sua obra.

Esta bela medida de sentimento nacional, mais uma vez acaba de ficar perfeitamente à vista, nas afirmações produzidas ante-ontem pelo seu ilustre presidente:

— «Nesta hora atormentada e incerta — disse o dr. José Albertos dos Reis — a palavra de orientação não pode ser senão esta: disciplina.

E mais adiante:

— «Nesta hora de extrema dedicação, em que o horizonte se apresenta carregado de nuvens densas e de ansiedades patéticas, a disciplina tem que ser ainda mais severa e a colaboração ainda mais dedicada.»

Indiscutivelmente, o país compreende, aplaude e obedece, sem hesitar, a esta palavra de ordem da Assembleia Nacional.

Não queremos, antes de fechar esta carta

Deixar sem referência as últimas e interessantes publicações editadas pelo Secretariado da Propaganda e pela Comissão Executiva dos Centenários.

O Secretariado publicou recentemente uma admirável colectânea de artigos sobre assuntos portugueses, políticos e artísticos, ilustrada com

vista pareceria serem inoportunas e desconexas. Nem uma nem outra cousa.

Contar-vos o que foi o 1.º de Dezembro é já um lugar comum. Fui, mais longe, buscar a fôrça que reacendeu as cinzas adormecidas: D. Sebastião e Camões. Um naquele sonho do encoberto que soube impedir que arrefecessem as cinzas da lareira; outro legando-nos o evangelho da exaltação que as soube reanimar.

um sem número de preciosas gravuras, acêrca da nossa exposição em Nova-Iorque. Este livro *Portugal in New York World's Fair 1939* exprime com a maior eloquência, não só as raras belezas artísticas e tradicionais do nosso país, mas também o esforço de António Ferro, na sua qualidade de Comissário geral da mesma Exposição, o qual resultou fecundo e brilhante em todos os sectores.

Também o Secretariado, como organismo integrado na Comissão Executiva dos Centenários, nos deu três brochuras, sem contar o n.º 10 da *Revista dos Centenários*, que traz valiosa e erudita colaboração sobre as duas datas históricas a consagrar.

Essas brochuras inserem os programas, planos e temas propostos para o «Congresso Nacional de Ciências da População», Congresso Internacional da Mocidade» e «Congresso do Mundo Português», a realizar durante o ano áureo de 1940. Através da sua literatura, que recomendamos com o maior interesse, se compreenderá o alto valor dos estudos que vão ser tratados por técnicos e especialistas competentes, tanto nacionais, como estrangeiros, a bem da cultura e da civilização universal.

Lisboa, 27-11-939.

J. de M. F.

O Natal na Legião Portuguesa

A Acção Social da L. P. organiza este ano a «consoada do Legionário», assim como parece que organizará também uma «Árvore do Natal» para os filhos dos filiados pobres.

Só nos merecem aplausos estas lembranças.

A propósito..., queremos ser atrevidos, dizendo que melhor achavamos que em vez da «Árvore do Natal» se fizesse antes um Presépio.

Sem já falar no seu significado religioso, êle é, sem dúvida, de muito maior interesse infantil do que a tal árvore. Representa uma cena real, tem significado, requiere gosto no arranjo e nos motivos ornamentais, é mais concreto nas ideias que desperta.

No pobre ramo de pinheiro carregado de bujigangas, de bonecos, de brilhos, de vèlinhas, nada daquilo há.

Só objectivamente, pelo valor, qualidade e quantidade dos objectos expostos, poderá despertar um interesse fortuito da criança.

Faça-se uma experiência: Ponhamos uma criança a arranjar uma árvore de Natal; umas voltas, brinquedo ali, brinquedo acolá, mais isto, menos aquilo, e dentro de muito pouco tempo mudou de assunto porque já estava cheia, e

SEMPER

(Continuação da 1.ª página)

Faltava a juventude que acendesse o facho da braseira e lançasse o grito de Independência.

E ainda hoje somos nós, a nova geração, que ao fogo dos nossos corações, mantemos intacto êsse mesmo pensamento de sempre.

1 de Dezembro de 1939.

ANTÓNIO-LINO.

Administração Municipal

(Continuação da página anterior)

vista os diversos problemas a resolver e indica-lhes a solução. Quanto ao da água, diz:

«Não obstante se terem gasto, durante anos, muitas centenas de contos na exploração de águas no monte da Penha, a verdade é que a cidade não tem água suficiente durante uma grande parte do ano.

«Foram elaborados dois projectos para o abastecimento da cidade: um para a construção de um reservatório regulador e outro para o aproveitamento da água do Rio Ave. A execução de qualquer dêstes dois projectos é dispendiosa, e muito mais dispendiosa se tornou em virtude da guerra.

«Para resolver tam imperioso e importante problema resolveu a Câmara submeter os dois projectos à apreciação da Administração Geral dos Serviços Hidráulicos.»

O imperioso e importante problema, que o é de facto, fica no relatório reduzido a umas escassas doze linhas.

poucas ou nenhuma vez mais lhe mexerá.

Chamêmo-la agora a arranjar um presépio; umas pedras, tábuas, depois musgo, uns raminhos serão árvores, areia para aqui e para ali, faz as estradas.

A cena do nascimento do Menino Jesus em cima e para baixo bonèquinhos de barro, casinhas, automóveis, etc., tudo isto a dar vida e movimento à construção. O trabalho está feito, mas nunca mais se completará.

Logo um boneco para ali, depois um automóvel para outro sitio e assim anda até que chega o dia em que desgostosamente tudo se vai escangalhar.

A atenção da criança andou presa muitos dias porque, de facto, houve motivos que a despertavam, houve gostos e inclinações que puderam ver a sua satisfação.

Imitava a natureza, o que fazia tinha um significado.

O pinheiro não aparece no monte assim engalanado e o ramo que por muitas salas é costume erguer-se, nada significa e a sua ornamentação pouco gosto exige.

Depois, os presentes a distribuir, sê-lo-ão pelo «Menino Jesus», e não pelo barba-do-pai Natal, inestético, simbolizado em bonecos com trajes que não se usam em Portugal, uma pura imaginação de ardilosos ateus, para fazerem esquecer aos pequeninos a origem cristã da festa que se celebra.

Sem pretensões a conselheiros, apenas ficamos esperando ocasião de elogiar justa e sinceramente os muitos dignos superiores do Batalhão n.º 13.

Mas será de facto verdade que se gastaram *muitas centenas* de contos nas explorações da Penha? Não nos parece. Mas na Câmara não faltam elementos para se saber a verdade.

Melhor fôra averiguar primeiro o que se gastou e indicá-lo no relatório. Sabemos que as vereações que mais trabalhavam para aumentar o abastecimento de água a Guimarães foram as da presidência dos srs. dr. Mota Prego, coronel Amaral, dr. José Francisco dos Santos e capitão Magalhães Couto. Em tôdas elas era vereador das águas o sr. António Lima que continua a fazer parte da vereação. S. Ex.ª poderá dizer que o que se gastou na Penha em explorações de águas não foi inútil porque se aumentou em perto de 200 metros cúbicos diários na estiagem o volume de água fornecida à cidade. E se afirmarmos que a cidade pouco mais gasta que o dobro ficaremos a saber que, sem terem gasto muitas centenas de contos, as vereações referidas fizeram muito neste capítulo. Era muito de desejar que as afirmações feitas em documentos oficiais se cinjam absolutamente à verdade.

Mas quanto à solução do problema que nos diz o relatório? Que há dois projectos e que estes foram enviados para a Administração Geral dos Serviços Hidráulicos para esta se pronunciar sobre êles. Parece pois que a Câmara não tem opinião nenhuma sobre o caso. Parece até que não houve a mínima preocupação de estudar as duas soluções apresentadas e de as comparar. Nem sequer se nos diz qual é mais dispendiosa, que vantagens oferece cada uma delas e quais os inconvenientes que apresentam.

Esse estudo vai fazê-lo uma entidade oficial e quem o devia fazer, limita-se a afirmar que o problema precisa de solução.

Para nós é, porém, evidente que o estado da guerra prejudica absolutamente uma das soluções: aquela que demanda maquinismos e grandes canalizações.

O custo da outra também poderá ser agravado, mas em muito menor escala. Por isso quando o relatório afirma que a solução se tornou muito mais dispendiosa em virtude da guerra deve isto entender-se especialmente com um dos projectos. Se não fôr necessário importar maquinismos ou tubos de canalização em grande quantidade, o custo da obra não sofrerá senão o aumento que tôda a vida do país sofreu. O cimento, fabrica-se no país e será êsse que maior dispêndio ocasionará na construção dum reservatório.

Continuaremos.

VERAX.

O banquete de homenagem ao Presidente da Câmara de Guimarães, sr. dr. João Rocha dos Santos

Não pode a exiguidade actual do nosso jornal consentir o relato completo do banquete dedicado ao ilustre Presidente da Câmara. Dele daremos umas notas gerais.

Como noticiamos, realizou-se no Teatro Martins Sarmento. Na entrada encontrava-se formada uma lança da L. P. e a música dos Bombeiros, que prestaram continência à chegada do sr. Governador Civil de Braga.

Na sala muita luz, flores, muita gente; nos camarotes e balcões o elemento feminino; no proscénio, com mau gosto, o retrato dos Chefes. Ao som do hino da cidade entraram as entidades oficiais na sala, sendo recebidas com uma salva de palmas.

Ao banquete, presidiu o sr. governador civil do distrito de Braga, que tinha à sua direita, o homenageado e os srs. dr. Rodolfo Artur de Abreu, Juiz de Direito da Comarca; Comandante Carvalho Crato; dr. Alfredo Pimenta; dr. Armando Barbosa, delegado do Procurador da República; José de Oliveira Pinto, delegado especial do Governo; dr. Henrique Cabral, delegado do Instituto Nacional do Trabalho; capitão Branco, comandante da Polícia de Segurança Pública de Braga; José Gilberto Pereira, provedor da Santa Casa da Misericórdia; António Moreira, delegado concelho da Legião Portuguesa, e tenente Moreira Santos, comandante da G. N. R. de Guimarães; e, à sua esquerda, os srs. dr. João Antunes Guimarães; dr. Alberto Cruz; dr. Francisco Pessoa Monteiro, governador civil substituto; mons. João Ribeiro; cônego Alberto da Silva Vasconcelos; dr. João Aires de Azevedo, conservador do Registo Predial; Alberto Costa, da Sociedade Martins Sarmento; José Luiz de Pina, comandante dos Bombeiros Voluntários; António José Pereira de Lima, presidente da Junta de Turismo da Penha; dr. Arménio Caldas, presidente da Junta de Turismo de Vizela; dr. Elias Gonçalves, secretário geral do Governo Civil; dr. Américo Durão, chefe da secretaria da Câmara Municipal; Silvino Alves de Sousa, presidente do Grémio do Comércio de Guimarães e Manuel de Magalhães, presidente do Sindicato Nacional da Indústria Têxtil.

Durante o banquete a orquestra fez-se ouvir, brilhantemente, num selecto programma.

Telegramas

Durante o banquete foram recebidos muitos telegramas de saudação, entre os quais se contavam os dos seguintes srs: dr. Cerqueira Gomes; dr. Leopoldo Freitas, presidente da comissão concelho da União Nacional; dr. Luiz de Almeida Braga; Conselheiro Raúl Cunha; Alexandrino Costa; major Mário Cardoso; Manuel Fonseca, presidente da comissão concelho da União Nacional de Famalicão; Sebastião Nespereira; Furtado Martins; Manuel Migueis da Cruz; Celestino Borges Manta; João Ribeiro da Silva Castro; Vicente Castro Magalhães; architecto Júlio Brito; Francisco Fernandes Guimarães; José de Sá e Melo; António Peixoto Caldas; João Rodrigues Loureiro; dr. António Pinheiro Tóres; Sequeira Braga; Artur Valente; dr. José Abreu; dr. Costa Pinheiro; presidente da Junta de Freguesia de Riba de Ave; Vasco Burmester Martins; Junta de Freguesia de Guardizela; Rufino Esteves; Francisco Alves; Amadeu Carreiros; Gabriel Faria; dr. Matos Júnior; José Braga; Leite Mendes; José

Martins; Augusto Luciano Guimarães; rev. Anselmo; dr. Fernando Chaves; José Martins; José Braga; Mota da Silva; dr. Joaquim Pais; David Santos Oliveira; Francisco Costa, etc., etc.

Inicia os brindes

o sr. Governador Civil, que começou por se referir aos deveres, susceptibilidades e responsabilidades do seu cargo para afirmar que aceitou, conscientemente, a presidência daquele banquete — homenagem prestada a uma figura de prestígio e de valor. Refere-se à significação bairrista e nacionalista da festa — e às primorosas faculdades políticas e morais do homenageado que bem merece — diz — a consideração de toda a gente.

— Seria injusto se não destacasse bem o sr. dr. Fernando Aires, presidente da comissão promotora da homenagem, para quem vão os seus cumprimentos.

Traçando o elogio, do homenageado, diz que há campos onde os homens podem trabalhar em conjunto sem se acovelarem. E termina:

Pelas suas prosperidades pessoais e políticas levanto a minha taça.

Fala em seguida o dr. Fernando Aires. Diz que não nota grandes diferenças no quarto de século que o separa da geração do homenageado. Traça o seu elogio e termina pedindo um *Hipp* pelo dr. João Rocha dos Santos.

Ergue-se o sr. António José Pereira de Lima para falar. Acolhem-no saudações prolongadas e calorosíssimas. Principia por se referir à justiça daquela homenagem e ao bom lugar que o homenageado vem desempenhando à frente da municipalidade vimaranense, dedicando-lhe, por fim, palavras de calorosa admiração.

O sr. Manuel de Magalhães, delegado dos Sindicatos do concelho, diz que veio porque entendia que a classe operária não podia faltar à consagração a quem é o maior amigo dos operários. Depois ocupa-se de tudo quanto o sr. dr. João Rocha dos Santos tem feito em prol das classes trabalhadoras.

Fala depois o sr. dr. Américo Durão. Apresenta em seu nome e de todos os funcionários da Câmara as saudações ao homenageado. Saúdo-o também em nome do Vitória Futebol Clube, que muita dedicação lhe deve.

Em nome do Pevidém fala o sr. António Faria Martins. Aplausos e palavras calorosas. Evoca horas passadas e figuras da história política e social de Guimarães, e refere-se à dedicação do sr. presidente do Município por Pevidém. Terminando por incitar todos os vimaranenses a unirem-se em volta da figura do sr. dr. João Rocha dos Santos para um maior progresso do concelho.

O sr. Manuel Soares Moreira Guimarães, delegado concelho da Legião Portuguesa, associa-se à justiça da homenagem e à fé legionária do homenageado, prestando-lhe o seu preito de admiração pelo seu valor e pela sua acção.

Dr. João Mota Prêgo Faria, em termos brilhantes, saúda o sr. presidente da Câmara e mostra-se satisfeito pela eloquência da homenagem prestada a quem tem sabido impor-se e marcar uma personalidade.

O sr. Silvino Alves de Sousa fala em nome do Grémio do Comércio de Guimarães para tecer, em torno da lídima personalidade do homenageado, todo um hino de louvores.

E os discursos prosseguem no mesmo ritmo de vibração e entusiasmo.

Assim, diremos apenas — bem contra os nossos desejos — que, depois, falaram os srs. Alberto Costa, em nome da Sociedade Martins Sarmento, comandante Carvalho Crato, dr. Alfredo Pimenta e dr. João Antunes Guimarães, tendo este deputado da Nação rematado o ciclo das saudações com um discurso empolgante, fluente e de judiciosas considerações políticas.

Por fim, ergueu-se para falar o homenageado, reboando pela sala fortes ovações, às quais se associou a assistência ao banquete.

O sr. dr. João Rocha dos Santos, em termos expressivos e vibrantes, agradeceu, extremamente sensibilizado, todas as calorosas manifestações de apreço e simpatia de que tinha sido alvo. Prosseguindo em entusiásticas afirmações de alto carácter nacionalista e regionalista, o homenageado mostrou, claramente, como a sua alma e o seu coração, a sua inteligência e a sua energia, se encontram em perene vibração pela causa do nacionalismo e da Pátria.

O sr. José de Oliveira Pinto, delegado especial do Governo em Guimarães propôs para que, como a coroar de beleza espiritual a festa, algumas das senhoras presentes procedessem a um pedtório a favor da Casa dos Pobres de Guimarães.

Este filantrópico alvitre — sublinhado com muitos aplausos — foi logo pôsto em prática.

Algumas distintas vimaranenses deram início à sua benemérita tarefa e, através da extensa sala, percorreram todos os lugares, colhendo os óbulos dos convivas.

O banquete, que começou às 21 horas, terminou por volta de uma hora e meia da madrugada do dia seguinte.

A Comissão que procedeu à quete a favor da Casa dos Pobres, durante o banquete de homenagem ao Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara, deste concelho, foi constituída pelas ilustres e gentis senhoras:

D. Margarida Pereira de Carvalho Crato, Taipas; D. Ema Fernandes Rocha dos Santos, Guimarães; D. Maria da Glória Pereira Mendes Durão, Guimarães; D. Emília Teixeira de Aguiar, Guimarães; D. Maria Alberta Aires, Guimarães; D. Sally Rocha dos Santos, Taipas; D. Constança Antunes Guimarães, Briteiros; D. Alexandrina Mendes Ribeiro, Guimarães; D. Olga Freitas Guimarães, Guimarães; D. Maria Augusta Ferreira Mendes, Guimarães.

A quete rendeu 2.803\$30.

CARIDADE

Os srs.: Delegado do Governo, Presidente da Câmara, Arcipreste de Guimarães e Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, por circular, pediram a várias pessoas do concelho o auxílio material para ser aumentada a verba que o Governo deu para a Campanha de Auxílio aos Pobres no Inverno. Bom acolhimento!

A' MARGEM

(Continuação da 1.ª página)

minho de Ferro e vice-versa. O homem recebe 14\$00 diários. Positivamente, não é de esperar que com tal paga se prontifique a fazer o transporte em automóvel.

Indagámos ainda se não se tinham dado passos junto das autoridades superiores dos correios para que o carro fôsse substituído por outro veículo que não causasse tanto desgosto aos frequentadores da Praça D. Afonso Henriques. Disseram-nos que sim.

Haviam respondido perguntando se na cidade não transitavam veículos iguais ou piores do que aquêle e que os houvesse, um a mais ou a menos não fazia diferença.

A impressão que nos ficou foi esta: a Administração Geral dos Correios Telégrafos e Telefones não se importa que o carro que serve para o transporte das malas seja melhor do que é actualmente; gostaria até muito de ser agradável aos vimaranenses, mas não está disposta a aumentar as suas despesas para êsse efeito.

OS MENDIGOS: não queremos deixar de juntar a nossa voz ao côro de protestos que se ergue contra a tolerância da mendicidade na nossa terra. Havendo-se criado a *Casa dos Pobres* com o fim específico de pôr termo a esta chaga social, e sendo certo que esta benemérita instituição, que os vimaranenses tão generosamente mantêm, com o auxílio da Câmara Municipal, se encontra em condições de recorrer a todos os verdadeiros necessitados, não compreendemos como ainda se permite tam largamente a mendicidade nesta terra.

Apelamos para os nossos leitores, lembrando-lhes que não devem contribuir para que êste mal continue. Se quiserem dar esmolas — e Deus lhes abra o coração à generosidade — façam-no quer por intermédio da *Casa dos Pobres* quer das *Conferências de S. Vicente de Paulo* que estão em condições de exercer a beneficência com verdadeiro conhecimento das necessidades dos socorridos. Convém não esquecer que a generosidade para com os desgraçados é um dos sentimentos que mais explorados têm sido por falsos mendigos.

"1.º de Dezembro"

Dia da Mocidade Portuguesa

A Ala de Guimarães da Mocidade Portuguesa comemorou solenemente esta data, seguindo o seguinte programa:

A's 9 e 45 — Içar da Bandeira Nacional no templo da Oliveira, perante os filiados em formatura.

A's 10 horas — Missa no mesmo templo, por alma dos portugueses que em todas as épocas da história morreram e lutaram pela independência de Portugal.

A's 15 e 30 — Sessão comemorativa, sob a presidência do Sub-delegado Regional da Mocidade Portuguesa, no salão de festas do Asilo de Santa Estefânia e compromisso solene dos novos elementos; condecoração de vários filiados; discurso do sr. padre António Quesado, professor do Liceu.

Para estes actos foram convidados oficiais da cidade.